

Estudos Geográficos

Revista Eletrônica de Geografia

Avenida Brasil e seu território educativo: o entrelaçamento entre os espaços livres, educação infantil e a cidade situados em territórios inseguros no Rio de Janeiro

Luiz Fernando Balduino da Rocha¹  

Giselle Arteiro Nielsen Azevedo²  

Resumo: A proposta deste artigo visa discutir a articulação entre o público infantil, a escola, a cidade e sua qualidade ambiental, inseridos em territórios hostis, inseguros e desarticulados. A problematização constituiu-se a partir da compartimentação da paisagem realizada na Avenida Brasil, localizada na cidade do Rio de Janeiro. A Escola Municipal Bahia surgiu como unidade de análise na microescala local, possibilitando o aprofundamento da discussão, na qual foram analisados seu entorno, seus espaços livres e sua articulação com a cidade. Nesse contexto, descobriu-se que a Escola Bahia possuía uma relação mais aberta e próxima com o contexto urbano, visto que foi construída anteriormente à abertura da Avenida Brasil. Atualmente, a via é identificada como um elemento influenciador do rompimento e da infiltração na relação infantil com os espaços livres existentes, dificultando o entrelaçamento espacial do território educativo.

Palavras-chave: Território educativo; Segregação; Avenida Brasil; Arquitetura escolar; Sistema de espaços livres.

¹ Doutorando em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ/UFRJ, integrante do Grupo Ambiente-Educação (GAE).

² Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ – FAU/UFRJ, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ/UFRJ, coordenadora do Grupo Ambiente-Educação (GAE).



Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons

AVENIDA BRAZIL AND ITS EDUCATIONAL TERRITORY: THE INTERWEAVING OF OPEN SPACES, EARLY CHILDHOOD EDUCATION, AND THE CITY WITHIN UNSAFE TERRITORIES IN RIO DE JANEIRO

Abstract: This article aims to examine the articulation between children, the school, the city, and environmental quality within hostile, insecure, and fragmented territories. Grounded in the landscape compartmentalization produced by Avenida Brazil in Rio de Janeiro, the inquiry adopts Escola Municipal Bahia as the local micro-scale case unit, enabling an in-depth analysis of its surroundings, open spaces, and interfaces with the city. Historically, the school maintained a more open and integrated relationship with the urban fabric, as it predates the opening of Avenida Brazil. At present, however, the avenue operates as a structuring element that disrupts and encroaches upon children's relationships with existing open spaces, thereby constraining the spatial interweaving of the educational territory.

Keywords: Educational Territory; Segregation; Avenida Brazil; School Architecture; Open Space System

AVENIDA BRASIL Y SU TERRITORIO EDUCATIVO: EL ENTRELAZAMIENTO ENTRE LOS ESPACIOS LIBRES, LA EDUCACIÓN INFANTIL Y LA CIUDAD UBICADOS EN TERRITORIOS INSEGUROS EN RÍO DE JANEIRO

Resumen: La propuesta de este artículo tiene como objetivo discutir la articulación entre el público infantil, la escuela, la ciudad y su calidad ambiental, insertos en territorios hostiles, inseguros y desarticulados. La problemática se constituyó a partir de la compartimentación del paisaje realizada en la Avenida Brasil, ubicada en la ciudad de Río de Janeiro. La Escuela Municipal Bahia surgió como unidad de análisis a microescala local, posibilitando un mayor desarrollo de la discusión, en la que se analizaron su entorno, sus espacios libres y su articulación con la ciudad. En este contexto, se descubrió que la Escuela Bahia tenía una relación más abierta y cercana con el contexto urbano, dado que fue construida antes de la apertura de la Avenida Brasil. Actualmente, la vía es identificada como un elemento que influye en la ruptura y la infiltración en la relación infantil con los espacios libres existentes, dificultando el entrelazamiento espacial del territorio educativo.

Palabras clave: Territorio educativo; Segregación; Avenida Brasil; Arquitectura escolar; Sistema de espacios libres.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce a partir da complexificação dos conflitos territoriais no tecido urbano brasileiro, ainda mais intenso quando consideramos o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro e sua desafiadora relação com a educação infantil, considerando seus diversos entraves, dentre eles a evasão escolar devido à insegurança física e psicológica. Tal circunstância reforça que um dos grandes desafios urbanos atuais é transformar as cidades em ambientes mais seguros e acessíveis para as crianças, compreendendo seu papel social no desenvolvimento urbano. A escola, como um dos principais espaços sociais infantis, cheia de

significados, carrega a possibilidade de tornar as cidades mais receptivas, rompendo centralidades e tecendo um novo mundo de possibilidades para o público infantil.

O questionamento central deste artigo tem como cerne o questionamento da profundidade do entrelaçamento que a cidade e a escola podem assumir quando imersos num território hostil, marcado por diversas ameaças à integridade e à segurança infantil em suas diferentes dimensões.

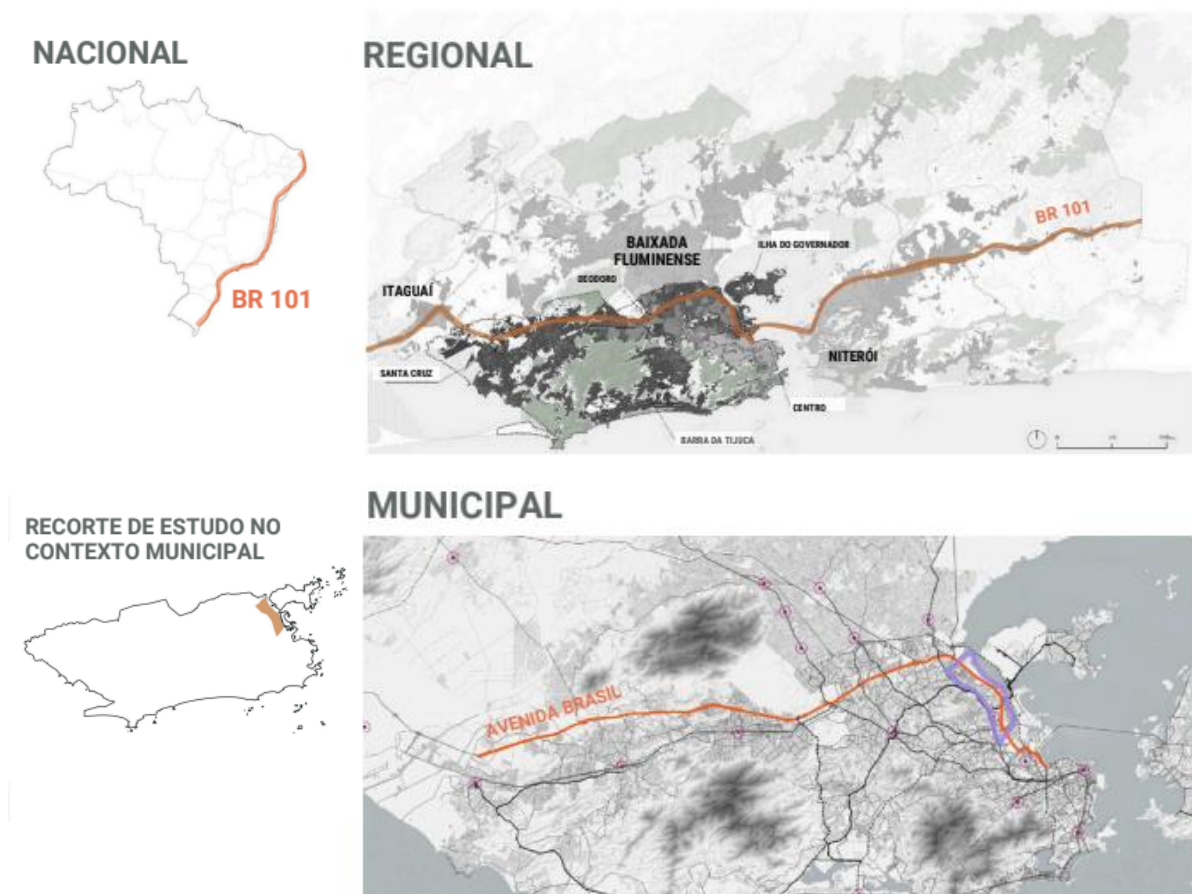
O aporte teórico utilizado é formado pela análise sistêmica de conceitos amplamente discutidos em trabalhos que analisam o espaço urbano nas cidades e seus fenômenos sociais. Considerando a multidisciplinaridade deste campo, é necessário englobar conceitos basilares encontrados na geografia, arquitetura, sociologia e pedagogia. Dessa forma, o aporte foi enriquecido com o delineamento dos conceitos de paisagem, território e sistema de espaços livres, onde o primeiro é descrito pela forma como o espaço é vivido, percebido e transformado culturalmente; o segundo não se limita à delimitação física, mas considera as suas relações de poder, pertencimento e significados; e o último refere-se à articulação dos espaços abertos que desempenham funções sociais e urbanas (Schlee et al., 2009).

Por sua vez, esses conceitos apresentam uma estreita conexão, trazendo a capacidade de formatar o chamado território educativo ao voltar-se para o público infantil, especialmente nos processos pedagógicos existentes nos espaços educativos formais, como salas de aula, e espaços informais, como os pátios e demais áreas externas e internas, onde o lazer integraliza o processo de conhecimento. Logo, o posicionamento do território educativo (Azevedo; Rheingantz; Tângari, 2011; Azevedo, 2019; Lopes, 2009) leva a essa construção sistêmica, em função de defender o entrelaçamento entre os espaços educativos citados e a sociabilidade presente nos espaços urbanos das cidades.

O ponto de partida metodológico desta análise utilizará uma compartimentação de paisagem de um trecho da Avenida Brasil, localizado entre os bairros de Olaria, Ramos e Bonsucesso, que delimitam parte do Subúrbio carioca, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Tais fatores estabelecem os objetivos a serem alcançados neste trabalho. Em primeiro lugar, busca-se estudar e problematizar o aprofundamento do entrelaçamento existente entre o sistema de espaços livres inseridos no território hostil, inseguro e desconexo da Avenida Brasil e os espaços externos escolares, personificados pelos espaços externos da Escola Municipal Bahia, realizando um paralelo com os preceitos que constituem o território educativo.

Outro objetivo específico é discutir e espelhar possíveis alternativas anteriormente aplicadas em outros casos, de forma a contribuir com a construção do território educativo quando inserido em espaços hostis ao público infantil. Para alcançar esses objetivos, foi realizado um recorte geográfico, enquadrando a unidade educacional Escola Municipal Bahia, situada na mesma compartimentação da paisagem e às margens da Avenida Brasil, como centralidade exploratória. Esta servirá como estudo de caso para verificar as características presentes na relação morfológica entre a escola, a cidade e sua conexão com o território educativo (Figura 1).

Figura 1 - Mapa da Avenida Brasil em âmbito nacional, regional e municipal.



Fonte: Almeida et al., 2024.

A hipótese verificada aponta em três direções. A primeira indica que a integração do território escolar, quando inserido em território hostil como o da Avenida Brasil, depende de maior intervenção do corpo pedagógico, auxiliado pelos diversos agentes sociais, para a realização de intervenções de integração com o espaço escolar, sejam elas temporárias ou de maior vínculo com o contexto local. A segunda

direção aponta que a escola escolhida como estudo de caso possuía uma outra relação morfológica com o espaço disponível, com maior entrelaçamento entre cidade, escola e tecido social, sendo modificada com a abertura da Avenida Brasil. A terceira direção aponta que esse fenômeno se repete em outros trechos da Avenida Brasil, dada sua longa extensão e diversidade de usos. Cabe ressaltar que outras áreas da Avenida Brasil possuem maior proximidade das áreas residenciais e escolares com a via.

A primeira seção deste trabalho detalha o percurso metodológico, mostrando os meios e métodos utilizados durante a pesquisa e o desenvolvimento da disciplina que embasou este artigo. A segunda seção se dedica a contextualizar e problematizar a compartimentação da paisagem estabelecida no eixo da Avenida Brasil e a caracterização de seu território educativo, considerando ainda sua relação com o estudo de caso, averiguando e detalhando sua evolução urbana até a atualidade. A última seção é reservada para as considerações finais e o detalhamento dos possíveis desdobramentos deste trabalho.

PERCUSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico utilizado neste artigo surge como resultado dos exercícios parciais da disciplina Arquitetura da Paisagem, lecionada pela professora Dra. Vera Tângari como parte integrante da grade de disciplinas do curso de doutorado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura – PROARQ da UFRJ. Nesta disciplina, foram discutidos uma série de conceitos e abordagens metodológicas que tornaram possível enxergar os pontos mais complexos da paisagem da cidade do Rio de Janeiro, principalmente quando falamos sobre suas constantes disputas de território.

A metodologia utilizada se baseia em um conjunto de etapas estabelecidas previamente pela professora Dra. Vera Tângari. Ao longo dos meses de junho a setembro de 2024, realizamos uma série de atividades voltadas para a compreensão da paisagem urbana. A primeira etapa foi discutida em uma de suas aulas expositivas, foi esclarecido o território que seria explorado nas próximas etapas, onde a Avenida Brasil foi utilizada como vetor de pesquisa.

A segunda etapa metodológica se estabeleceu a partir da identificação e seleção dos grupos participantes, onde cada pesquisador da disciplina se agrupou de

acordo com a temática a ser abordada em suas pesquisas referenciais, podendo optar entre dois tipos de mapeamento, divididos em categorias principais: a análise e mapeamento de componentes do tempo-fluxos ou do espaço-fixos. Realizou-se previamente a escolha das estratégias de mapeamento de território (Corner, 1999), a saber: deriva, camadas, jogo e rizoma. Ao final, os resultados dos mapeamentos seriam correlacionados.

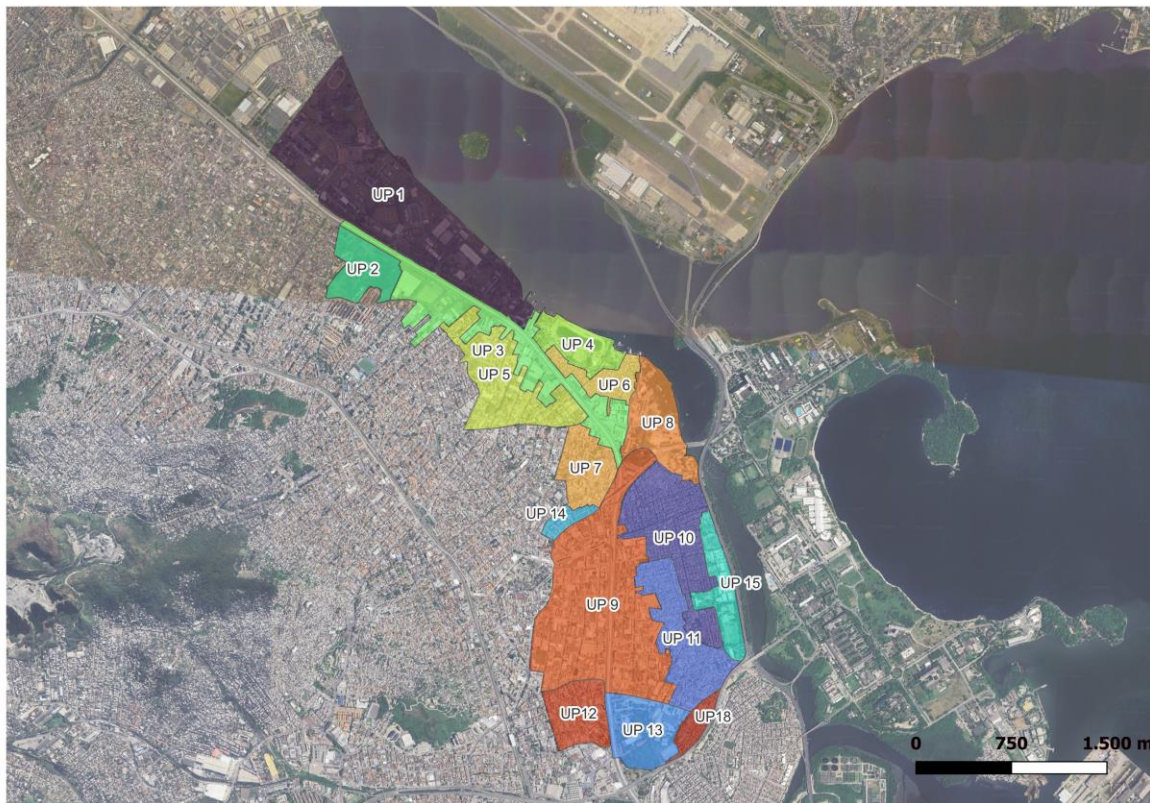
A terceira etapa foi reservada para a visita de campo, aplicando as formas de mapeamento escolhidas em sala, onde cada pesquisador realizou seu mapeamento individualmente, registrando, através de croquis, impressões, sensações e fotografias.

A quarta etapa se deu na apresentação dos resultados, em uma construção coletiva. Foi delimitada a área base a ser estudada, definindo as unidades de paisagem que seriam compartimentadas em outras subunidades, o que, ao final, tornou possível aprofundar as características de cada sistema de espaços livres na escala local.

A prática metodológica se iniciou com um olhar macro, que foi se subdividindo, especializando e analisando características mais peculiares do local. Neste último momento, foram utilizados um conjunto de parâmetros de análise que identificam os tipos morfológicos presentes nas escalas regional, urbana e local, diretamente associados à constituição da paisagem. Ela foi construída a partir de critérios de avaliação do ambiente e da forma urbana, que analisam os tipos morfológicos e padrões de ocupação. Os parâmetros foram estabelecidos a partir da metodologia desenvolvida na pesquisa de doutorado da professora Dra. Vera Tângari, sendo utilizada como metodologia de análise dos resultados.

A paisagem compartimentada resultou em 16 unidades de paisagem, que, juntas, totalizam um trecho de 6.189 hectares da Avenida Brasil. A macrounidade da Avenida Brasil foi dividida em unidades de paisagem, que foram agrupadas conforme a similaridade das morfologias de cada trecho. Apoiando-se nos parâmetros de outras pesquisas anteriormente realizadas (Magalhães; Manetti, Tângari, 2013), as unidades foram agrupadas ao se observar a homogeneidade de suas características morfológicas, no caso em tela, apoiando-se nas categorias estabelecidas no mapeamento (Figura 2).

Figura 2 - Mapa da compartimentação da paisagem.



Fonte: Os autores, 2025.

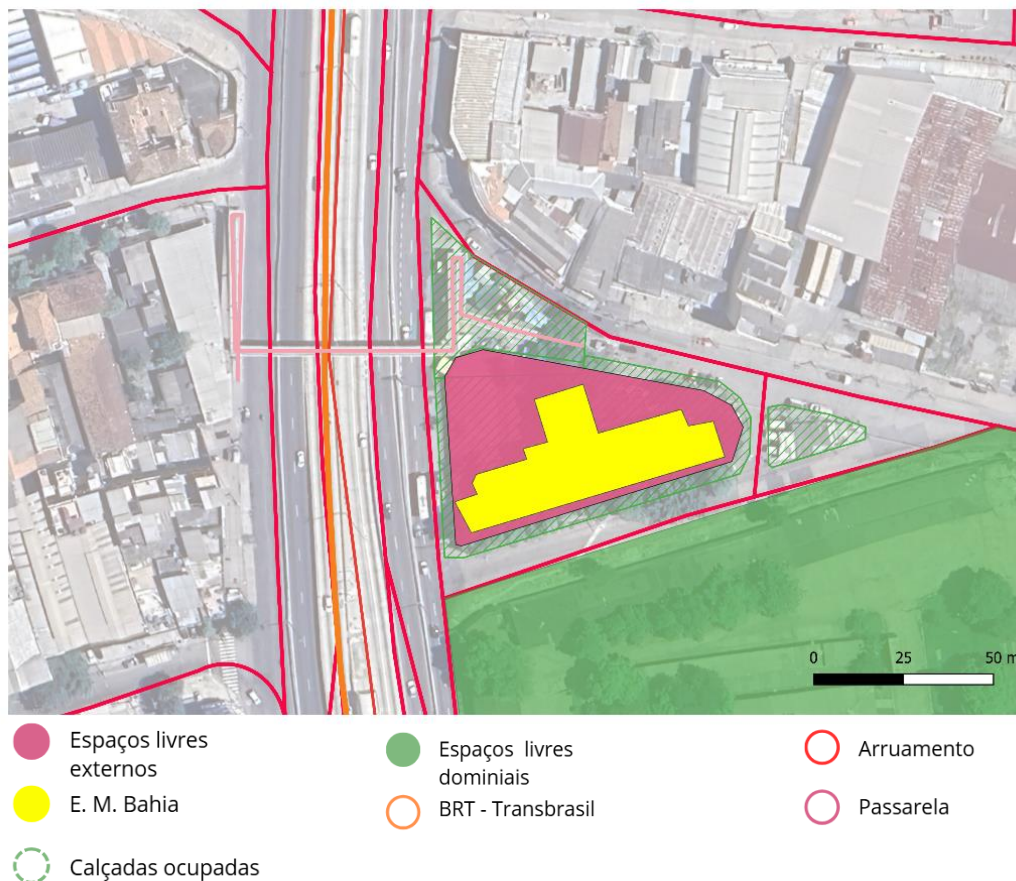
Além dos critérios citados, este trabalho se especializa na unidade de paisagem 09. Contudo, foi identificada uma problematização que coaduna com a temática abordada nas pesquisas referenciais do autor, problematizando os sistemas de espaços livres com o território educativo, fazendo-se necessário a escolha de mais alguns métodos científicos complementares, que consideram: 1) A revisão bibliográfica, histórica e documental; 2) Estudo de caso; 3) Levantamentos fotográficos; 4) Uso de mapas e colagens.

GINÁSIO EDUCACIONAL TECNOLÓGICO - ESCOLA MUNICIPAL BAHIA

A escola municipal Bahia, localizada às margens da Avenida Brasil, foi identificada como um elemento com grande potencial para compreendermos os conflitos existentes no território educativo carioca. Atualmente, abriga os anos finais do ensino fundamental. Verificou-se que a escola está inserida na Zona Franca Urbanística - ZFU, onde os usos industriais são predominantes, tornando-se residenciais a medida que se afasta da Avenida Brasil. Os espaços livres existentes

se resumem às vias disponíveis, e os espaços residuais são inteiramente apropriados pelo público adulto, que os utiliza como base para os pontos de ônibus e para o comércio informal de mercadorias e alimentação. Não existe qualquer espaço livre destinado ao lazer nas imediações da unidade educacional (Figura 3).

Figura 3 - Mapa da compartimentação da paisagem



Fonte: Os autores, 2025.

Modler, Carvalho e Rheingantz (2023) afirmam que na hipótese de o território educativo estar constituído num espaço hostil para o público infantil, ele enfraquece o processo decisório das autoridades pedagógicas, que optam pelo enclausuramento do público estudantil em espaços que os protejam das possíveis ameaças urbanas, tornando os estudantes reféns dos espaços livres internos, sem qualquer conexão ou entrelaçamento entre escola e a cidade. Os muros se tornam uma solução rápida e fácil.

Os espaços livres existentes dividem-se em intramuros, como pátios e áreas internas da escola, e extramuros, como vias disponíveis, calçadas e espaços

residuais. Os espaços intramuros são apropriados pelos estudantes de acordo com os horários de intervalo das turmas. Também são utilizados nas disciplinas que exigem atividade física, possuindo uma quadra poliesportiva e demais mobiliários em concreto. Esses espaços possuem uma materialidade simples, sem dispositivos de proteção solar e contra intempéries. Por outro lado, o paisagismo é pouco elaborado, a edificação é cercada por árvores e vegetação que se destacam quando vistas da Avenida Brasil, além de significar uma melhora nas condições do microclima local.

As vias locais no entorno da escola são constantemente ocupadas por veículos automotores, com sua velocidade definida pela presença da escola em 30km/h. Sua materialidade decorre de calçamento feito em paralelepípedos, que se mostram irregulares. A via de trânsito rápido, a Avenida Brasil, possui duas pistas: a central, com quatro faixas, duas segregadas, onde uma é exclusiva do BRT TransBrasil e a outra destinada a veículos de transporte coletivo, as restantes são destinadas a veículos comuns, com alta velocidade (80 km/h), e a faixa lateral, conta com duas pistas, com velocidade de 70 km/h, são as faixas mais próximas da escola. A avenida Brasil teve suas pistas revitalizadas para a instalação do novo modal de transportes, o BRT Transbrasil.

As calçadas são apropriadas como base para o mobiliário urbano, pontos de ônibus e para o comércio informal de mercadorias e alimentação. Todas elas são feitas de concreto de baixa qualidade e são rotineiramente ocupadas por carros estacionados, contudo existe um recuo na calçada a frente da escola, este vazio foi ocupado pela nova passarela que conecta os dois lados da avenida.

Um espaço residual na interseção das vias locais do entorno da escola surge com grande potencial para ativação ou para se tornar um espaço público de lazer. Porém, atualmente, é totalmente ocupado por um ponto de venda de produtos alimentícios, construído com estrutura em concreto, impossibilita o uso do espaço para demais fins. Sua materialidade segue o padrão das demais áreas, com materialidade improvisada. Não existe qualquer espaço livre destinado ao lazer nas imediações da unidade educacional.

A unidade escolar faz parte do pacote de escolas criadas pelo projeto pedagógico de Anísio Teixeira, que, nos anos 1930, antecipava a proposta de ensino integral no Brasil (CAVALIERE, 2010). Esta escola é catalogada como uma das escolas tipo *Platoon*, que conta com três conjuntos específicos de salas, unidades com 12, 16 e 25 salas de aula. Espaços específicos para atividades educativas,

profissionalizantes e administrativas. Sua proposta se baseava na divisão de atividades ao longo do edifício, reforçando a afirmação de que a arquitetura escolar pode ser considerada parte do currículo escolar, visto que a proposta de Anísio era espelhar-se nas escolas norte-americanas idealizadas por John Dewey, que, no formato *Platoon*, engajavam os estudantes em pelotões pelos corredores escolares para realizarem diferentes atividades ao longo do dia (Figuras 4 e 5).

Figura 4 - Escola Municipal Bahia - localizada no mapa.



Fonte: Adaptado do GoogleMaps, 2025.

Figura 5 - Escola Municipal Bahia



Fonte: Jornal Extra, 2008.

Quando o projeto de arquitetura e a implantação são postos em análise, surgem as diversas modificações estruturais sofridas ao longo dos anos, além da descaracterização do conjunto arquitetônico delineado pelo arquiteto Éneas Silva e o educador Anísio Teixeira (Dórea, 2000). O território atual é marcado pelo conflito de forças existentes entre a mercantilização e as necessidades urbanísticas da sociedade (MARICATO et al., 2010) (Figura 6).

Figura 6 – Relação da Escola Bahia com os aterros.



Fonte: Os autores, 2025

Observa-se que a Escola Municipal Bahia foi projetada em um espaço anteriormente consolidado e possuía uma outra relação com a comunidade. Sua construção ocorreu no ano de 1936, antevendo a construção da primeira fase da abertura da Avenida Brasil. A figura 7 ilustra a sua inauguração, apresentando uma conformação completamente diferente da atual, sem muros ou limitações físicas. Na época, a edificação estava situada na Estrada da Inhaúma, onde mantinha uma relação distinta com os espaços livres. Ela tinha maior proximidade com a Baía de Guanabara, e não existiam os aterros estabelecidos décadas depois, o que permitia um maior entrelaçamento com o espaço edificado, evidenciando uma outra dinâmica entre os espaços livres e o espaço escolar, o que auxiliava a proposta pedagógica em vigor.

Figura 7 - Escola Municipal Bahia: Época de inauguração/ 1936



Fonte: ImagineRio, 2025.

Atualmente, a Escola Municipal Bahia encontra-se tombada como patrimônio municipal. Em 2024, foi transformada em uma unidade de Ginásio Educacional Tecnológico - GET, fazendo parte do projeto pedagógico inovador da Secretaria Municipal de Educação – SME, que aperfeiçoou a metodologia de aprendizagem ativa e a abordagem pedagógica STEAM, um acrônimo de *Science, Technology, Engineering, Arts e Mathematics*, para a realidade brasileira. Contudo, a unidade escolar mantém um formato fortificado, determinando o enclausuramento de todos os seus espaços externos, consubstanciado pelas periculosidades oriundas da Avenida Brasil, somadas às constantes limitações trazidas pelos conflitos existentes, resultando em intervenções semanais das forças de segurança pública. Seus muros e grades visam garantir a segurança física e psicológica das crianças; muitas vezes, tal segurança é apenas simbólica (Figura 8).

Figura 8 - Escola Municipal Bahia: dias atuais.



Fonte: Adaptado do GoogleMaps, 2025.

RECOMENDAÇÕES PARA UMA POSSÍVEL SOLUÇÃO

O cenário encontrado na aproximação do território educativo da Escola Municipal Bahia proporcionou a reflexão e o delineamento de algumas hipóteses que podem ser exploradas para tornar essa relação entre escola e cidade mais entrelaçada. Dessa forma, exige-se o comprometimento do corpo docente e pedagógico para que esse enclausuramento seja simbolicamente derrubado, por meio de atividades que fortaleçam a relação escolar com a comunidade local (Modler, Carvalho e Rheingantz, 2023). Portanto, é necessário conhecer as afetividades encontradas nos trajetos utilizados pelas crianças para fomentá-las por meio de alternativas, e não tornar o espaço escolar uma verdadeira ilha isolada da urbanidade, dados os perigos analisados (BITTENCOURT, 2010).

As possibilidades que surgem no horizonte levam em consideração a importância de a sociedade local interagir com o espaço escolar, exercendo e ampliando seu papel social naquele espaço. Outra possibilidade considera o fortalecimento do papel histórico e urbanístico existente no local, exercendo o papel da educação urbanística para todo o núcleo que circunscreve o território em apreço, demonstrando para a comunidade local que os espaços ao seu redor possuem uma forte representatividade histórica para a cidade, além de seu papel como cidadão, com direitos fundamentais a serem cumpridos pelas autoridades. Também devemos considerar o envolvimento social em atividades mais práticas na expansão do território

escolar e de lazer infantil, que é a ativação dos espaços livres através de atividades de urbanismo tático, retomando espaços que são apropriados por atores comunitários no uso predominante de estacionamento nas calçadas, que atualmente também são tomados por serviços voltados para o público adulto que circula pela via ou apenas voltados para o lazer adulto.

O planejamento de uma cidade acessível para as crianças exige a participação ativa deste público. Como passo inicial, faz-se necessário dar prosseguimento a projetos de pesquisa urbanística que fomentem a educação urbanística para o público infantil, reconhecendo suas necessidades e afetividades. O projeto produzido pelo Grupo Ambiente Educação - GAE, vinculado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - PROARQ/UFRJ, em parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro e sua Secretaria Municipal de Educação - SME, pode ser tomado como exemplo de sucesso. O grupo de pesquisa vem realizando o Mapeamento Afetivo dos Territórios Educativos do Rio de Janeiro com alunos das escolas da rede pública do município, por meio de atividades lúdicas, buscando, na experiência espacial infantil, a descoberta das necessidades e vulnerabilidades urbanísticas locais. O trabalho realizado poderia ser implementado nesse território, reafirmando a presença infantil no ambiente urbano, fortalecendo as potencialidades e reconhecendo os pontos fracos que o território educativo local guarda, facilitando a implementação de políticas públicas que gerem meios para tornar o território hostil em acessível (Figura 9).

Figura 9 - Oficina aplicada em escola pública do Rio de Janeiro



Fonte: Repositório GAE – UFRJ, 2024.

O projeto Caminhos da Escola, iniciado na cidade de Fortaleza - CE, conhecida por sua alta periculosidade viária escolar (GDCl, 2024), apoiado pela Global Designing Cities Initiative - GDCl, teve como objetivo reativar os espaços públicos ao redor das escolas, apresentando alternativas de baixo custo que garantem um olhar mais seguro para o dia a dia das crianças, garantindo maior segurança viária. Trata-se de um projeto temporário e de baixo custo. O projeto adotou soluções testadas anteriormente, realizando a ampliação de calçadas, compactação de cruzamentos para ter travessias mais curtas e estreitamento das faixas de tráfego. Além disso, foi estabelecida uma grande área livre pavimentada, convertida em espaço público seguro para as brincadeiras infantis, garantindo a convivência e conexão escolar, mantendo o acesso aos sistemas de transportes (Figura 10).

Figura 10 - Oficina aplicada em escola pública do Rio de Janeiro



Fonte: GDCl, 2024.

Uma outra alternativa que pode ser considerada, é o projeto social executado pelo professor Paulo Magalhães na Escola Municipal Duque de Caxias, localizada na Baixada do Glicério, no Centro de São Paulo, servindo como inspiração para o estudo de caso em questão. O docente relata que a unidade escolar em que leciona possuía uma difícil relação com a comunidade local e seu entorno. A criação de sua “aula pública”, realizada nas ruas do bairro, possibilitou uma maior integração da escola, comunidade e cidade, aumentando o entrelaçamento entre ambos, sem considerar os elementos mais hostis deste espaço. Trazendo um saber urbanístico que representa não só o reconhecimento de direitos básicos, mas também o reconhecimento de

importantes marcos históricos da comunidade onde a escola se insere (Magalhães, 2022) (figura 11).

Figura 11 - Aula pública do docente Paulo Magalhães.



Fonte: Magalhães, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho nos apresentou uma nova visão sobre a composição das paisagens urbanas. As hipóteses preliminarmente aventadas foram inteiramente modificadas, e o aprofundamento desta pesquisa proporcionou um novo olhar para o território da Avenida Brasil. Anteriormente, existia uma única certeza: a via era um eixo forte que cingia o território em duas faixas: uma mais próxima da linha férrea e outra com maior proximidade da Baía de Guanabara, refletindo diretamente na morfologia do seu entorno.

À luz do que foi discutido na pesquisa, a conclusão possui duas direções. A primeira mostra que a Avenida Brasil orientou parte do crescimento, do desenvolvimento e o estabelecimento de usos e fluxos. O registro histórico da Avenida Brasil mostra que ela foi pensada como um vetor de crescimento em direção ao subúrbio, e isso foi confirmado a partir dos resultados colhidos. Afetando diretamente a relação entre o território, comunidade e a escola. A Escola Municipal Bahia possuía uma outra relação entre o território educativo e a escola. Apesar de estar inserida em

uma realidade temporal distinta, observou-se que a abertura da Avenida Brasil modificou por completo a possível relação entre cidade e escola. A segunda direção aponta que a periculosidade das faixas de alta velocidade presentes na Avenida Brasil em consonância com o aumento da violência urbana e a ausência de espaços livres extramuros contribuíram para o encastelamento escolar, para garantir a segurança física, social e ambiental dos alunos. Recorrendo a instrumentos de fácil resolução como muros e grades.

A pesquisa ressaltou que a situação atual pode ser modificada através de ações do corpo docente e do projeto pedagógico para que esse enclausuramento seja simbolicamente derrubado, por meio de atividades que fortaleçam a relação escolar com a comunidade local, além da adoção de alternativas para a ativação do espaço público.

Este estudo possui o potencial de desdobrar-se em outras pesquisas que se dediquem ao aprofundamento temático, voltando-se diretamente ao contato com o público-alvo, um desejo inicial dos autores. Dessa forma, será possível uma maior penetração na comunidade escolar que envolve o estudo de caso. As limitações éticas e a burocracia para obtenção de autorizações governamentais nos levaram a um estudo focado no espaço construído, não explorando a espacialidade do grupo pertencente. O estudo não pôde inserir-se presencialmente nas áreas externas da comunidade escolar, assim como não possibilitou a aproximação direta com as crianças. Portanto, este estudo pode resultar em novas observações e conclusões a serem abordadas futuramente.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, G.; TÂNGARI, V.; GOULART, A. **Do espaço escolar ao território educativo**: um olhar ampliado sobre o lugar pedagógico da educação integral. Rio de Janeiro: Meridional, 2016.

BITTENCOURT, M. O espaço e os outros: aspectos da experiência da vida urbana retratada por crianças de diferentes classes sociais. **Revista Mal-estaR e subjetividade**, Fortaleza: Fundação Edson Queiroz, 2010. v. 10, ed. 4, p. 1301-1323.

CAVALIERE, A. **Anísio Teixeira e a educação integral**. São Paulo: Paidéia, 2010.

CORNER, J. The Agency of Mapping: Speculation, Critique and Invention. In DODGE, M. **The Map Reader**. Nova Jersey: Wiley, 1999.

DÓREA, C. Anísio Teixeira e a arquitetura escolar: Planejando escolas, construindo sonhos. **Revista FAEEBA**, Salvador: n.13, 2000.

MAGALHÃES, P. Aula pública. In R. LOEB, A. LIMA, **Cidade, gênero e infância**. São Paulo: Romano Guerra, 2022.

MARICATO, E; OGURA, A; COMARU, F. Crise urbana, produção do habitat e doença. **Meio ambiente e saúde: o desafio das metrópoles**. São Paulo: Ex-Libris, 2010.

MODLER, N.; CARVALHO, R.; RHEINGANTZ, P. Espaço-ambiente na Educação Infantil: diálogos entre Arquitetura e Pedagogia da Infância. In AZEVEDO, G. **Diálogos entre arquitetura, cidade e infância: territórios educativos em ação**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019. p. 85-102.

SCHLEE, M.; SOUZA, J.; REGO, A.; RHEINGANTZ, P.; DIAS, M. A.; TANGARI, V. R. Sistema de Espaços Livres nas Cidades Brasileiras - Um Debate conceitual. In: **Paisagem e Ambiente**, Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. p. 225-247.